



CONSCIENTIZAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A FEBRE MACULOSA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA ZONA SUL DE MANAUS - AM

ARILSON SENA VELOSO; ELDAIANA SILVA PLESU; AMANDA MOREIRA SILVA;
LIVIA BATISTA CAMPOS; MATEUS DE ANDRADE SILVA

RESUMO

A febre maculosa trata-se de uma doença infecciosa aguda e transmitida predominantemente por carrapatos do gênero *Amblyomma*, sendo que capivaras, gambás, equinos e cães possuem um papel importante na cadeia epidemiológica da doença. No Brasil, as capivaras são tidas como reservatório na natureza, pois conseguem manter o agente na circulação sem demonstrar sinais clínicos da doença. Diante disso, os carrapatos se infectam ao realizarem o repasto sanguíneo de hospedeiros da enfermidade, constituindo-se dessa forma como vetores e principal reservatório natural do agente. Isso se deve à transmissão vertical, transovariana, transtadial e interestadial desses parasitas, permanecendo infectados ao longo de suas vidas, o que favorece a manutenção da riquetsia na natureza. Como profilaxia, além das medidas de controle contra os vetores e cuidado em áreas endêmicas, as ações educativas acerca da doença são imprescindíveis para disseminar informações e orientar corretamente, sendo um dos pontos-chaves para a prevenção. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi fazer um levantamento do conhecimento dos alunos do ensino fundamental e conscientizá-los sobre a Febre Maculosa. O estudo é resultado de uma atividade de extensão desenvolvida por acadêmicos do curso de medicina veterinária do Centro Universitário CEUNI – FAMETRO na cidade de Manaus-AM, com a participação de 32 alunos do 6º ano do ensino fundamental de uma Escola Municipal. Ao questionar os alunos sobre o conhecimento prévio da febre maculosa, 87,5% dos entrevistados afirmaram não ter conhecimento sobre a doença. A divulgação sobre zoonoses entre crianças é crucial para criar conscientização e promover a prevenção da doença.

Palavras-chave: Epidemiologia; Doença; Conscientização; Carrapatos; Saúde.

1 INTRODUÇÃO

A febre maculosa trata-se de uma doença infecciosa aguda, negligenciada, e transmitida predominantemente por carrapatos do gênero *Amblyomma*, embora outros gêneros possam atuar, sendo que a *Rickettsia rickettsii* o principal agente etiológico no Brasil (ROCHA, 2018). As riquetsias são bactérias gram-negativas pleomórficas intracelulares obrigatórias com predileção por células endoteliais (MORAES-FILHO, 2017). A manutenção desta enfermidade vem sendo associada à interação entre os ectoparasitas e seus hospedeiros, sobretudo os amplificadores da doença (GAVA et al., 2022). Capivaras, gambás, equinos e cães possuem um papel importante na cadeia epidemiológica da doença, pois atuam como um dos principais reservatórios e disseminadores dos carrapatos transmissores da febre maculosa (PAES DE ARAÚJO ET AL., 2016).

No Brasil, as capivaras são tidas como reservatório na natureza, pois conseguem manter o agente na circulação sem demonstrar sinais clínicos da doença (MORAES-FILHO, 2017). Por outro lado, os equinos podem ser facilmente parasitados, em especial os criados em pastos e sistemas extensivos, podendo sofrer infestações com alta carga parasitária. Já, os cães também são bastante suscetíveis a infecção, podendo ser considerados amplificadores, aumentando o risco da transmissão em humanos (ROCHA, 2018). Diante disso, os carrapatos se infectam ao realizarem o repasto sanguíneo de hospedeiros da enfermidade, constituindo-se dessa forma como vetores e principal reservatório natural do agente. Isso se deve à transmissão vertical, transovariana, transestadial e interestadial desses parasitas, permanecendo infectados ao longo de suas vidas, o que favorece a manutenção da riquetsia na natureza (GAVA et al., 2022). Essas características de transmissão, aliada à sua ampla distribuição geográfica e baixa especificidade de hospedeiro, permitem o parasitismo de vários mamíferos, incluindo o homem de forma acidental (ROCHA, 2018).

Como profilaxia, além das medidas de controle contra os vetores e cuidado em áreas endêmicas, as ações educativas acerca da doença são imprescindíveis para disseminar informações e orientar corretamente, sendo um dos pontos-chaves para a prevenção (GAVA et al., 2022). Diante disso, este trabalho objetivou promover a educação em saúde entre alunos do ensino fundamental, buscando conscientizá-los sobre a febre maculosa e avaliar o nível de conhecimento sobre antes e após a palestra.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi resultado de uma atividade de extensão desenvolvida por acadêmicos do 7º período do curso de medicina veterinária do Centro Universitário CEUNI - FAMETRO, com a participação de 32 alunos do 6º ano do ensino fundamental do turno vespertino de uma Escola Municipal, localizada no bairro São Francisco zona Sul da cidade de Manaus - AM.

Para obtenção dos dados, foram utilizados dois questionários com perguntas fechadas, na qual foi aplicado antes e depois da palestra de conscientização sobre a febre maculosa. A metodologia da aplicação dos questionários consistiu em dois momentos: em um primeiro momento, antes de se discutir sobre a doença com os alunos, o 1º questionário foi aplicado com o intuito de medir o nível de conhecimento prévio acerca do assunto.

Após a execução do questionário, foi ministrado uma palestra sobre a Febre Maculosa, bem como, iniciado um bate-papo para sanar dúvidas eventuais. Após a explicação, em um segundo momento, o 2º questionário foi aplicado com as mesmas perguntas do primeiro questionário, para mensurar se a palestra foi capaz de impactar e orientar os alunos. Os dados obtidos dos questionários foram analisados e expressos em números absolutos e porcentagem, sendo por fim tabulados no programa Microsoft Excel.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contou com a participação de 32 alunos, com idade média de 12 anos (78,13% dos entrevistados). Inicialmente, ao questionar os alunos sobre o conhecimento prévio da febre maculosa, 87,5% dos entrevistados afirmaram não ter conhecimento da doença. Por meio dos dados obtidos, foi possível perceber que havia uma lacuna significativa acerca do conhecimento da condição, denotando a falta de informações. Quando indagados sobre a transmissão da doença 96,87% dos alunos afirmaram não possuir conhecimento sobre a transmissão (Tabela 01). Esses dados, reforçaram a carência informativa considerável entre os jovens em relação à febre maculosa.

Tabela 1 - Resultado do questionário aplicado antes da palestra.

Variável	N	%
Gênero	32/32	100
Masculino	16	50
Feminino	16	50
Idade	32/32	100
11 anos	6	18.75
12 anos	25	78.13
13 anos	1	3.12
Sabe o que é A Febre Maculosa?	32/32	100
Sim	4	12,5
Não	28	87,5
Você sabe como acontece a doença?	32/32	88.5
Sim	1	3.12
Não	31	96.87
Você sabe como é transmitido a doença?	32/32	100
Sim	6	18.75
Não	26	81.25

Vale ressaltar, que número dos alunos que alegaram não saber sobre a transmissão, notou-se que alguns alunos expressarão conhecimento sobre a transmissão, dessa maneira apresentando uma descoberta intrigante e contraditória e destacando a possível existência de informações parciais ou fragmentadas ou até mesmo falsas afirmativas, apontando a necessidade de abordagem sobre a doença. Estudos como o de Rodrigues & Silva (2020), sobre a percepção de moradores de serranos em Minas Gerais sobre a doença, constatou que dentre 110 entrevistados, 58,03% conheciam a doença, mas destes, somente 43,74% sabia como ela é transmitida, indicando, dessa maneira, a tendência de falta de informações mais aprofundadas sobre a condição como um todo, algo que foi afirmado no presente estudo.

Após a palestra, foi possível obter mais dados (Tabela 2) na qual 87,5% dos alunos responderam admitiu desconhecer a doença. Esses resultados se alinham de maneira consistente com as respostas obtidas para a mesma pergunta no primeiro questionário.

Inicialmente, foram questionados novamente se sabiam o que era a febre maculosa, no qual 4 alunos (12,5%) afirmaram ter conhecimento, enquanto a maioria, 28 (87,5%) admitiu desconhecer a doença. Esses resultados se alinham de maneira consistente com as respostas obtidas para a mesma pergunta no primeiro questionário.

Em seguida, os jovens foram indagados sobre a importância da palestra para seu conhecimento, no qual majoritariamente, com 31 (96,87%) respostas, responderam que sim. Além disso, foram perguntados se informariam outras pessoas sobre a infecção, a maioria, representada por 22 alunos (75%), respondendo afirmativamente. Esses dados sugerem que, de maneira geral, a percepção dos alunos em relação à palestra foi positiva e quase uniforme, visto que a maioria classificou a mesma como importante. Além disso, um número significativo de jovens expressou o interesse em compartilhar as informações sobre a febre maculosa, indicando potencial disseminação da doença à outras pessoas, algo que se configura como uma das principais medidas de prevenção, visto que ações educativas em saúde tornam os cidadãos mais conscientes e aptos a recolher e prevenir a doença.

Ao serem questionados se conheciam alguém que já foi acometido com a doença, a maioria, 23 (71,87%), afirmou não recordar de nenhum caso. O dado exposto pode novamente ser explicado pela menor incidência de casos no Norte, o que torna o conhecimento de acometidos raro.

Tabela 2 - Resultado do questionário aplicado após a palestra.

Variável	N	%
Antes da palestra, você sabia o que era a Febre Maculosa?	32/32	100
Sim	4	12.5
Não	28	87.5
Essa palestra foi importante para seu conhecimento?	32/32	100
Sim	31	96.87
Não	1	3.13
Você repassará informações para outras pessoas?	32/32	100
Sim	224	75
Não	8	25
Você conhece alguém que tenha apresentado essa doença?	32/32	100
Sim	2	6.23
Não	7	21.87
Não lembra	23	71.87
Você sabe o grau de risco que essa doença apresenta?	32/32	42.3
Gravíssimo	0	0
Grave	10	31.25
Moderado	18	56,25
Leve	4	12,5

Ao final, foi perguntado se os alunos tinham conhecimento do grau de risco associado à doença. Nessa análise, 31,25% dos alunos classificaram o risco como grave, 18 alunos (56,25%) consideraram a afecção como grau moderado e 12,5% assinalaram como sendo de risco leve, sem respostas classificando a infecção como gravíssima. Essa foi uma das divergências mais notáveis, evidenciando uma distribuição variada de resposta, com a maioria dos alunos classificando o risco como moderado.

Por fim, foram perguntando se sabiam o grau de risco da doença, no qual 10 alunos (31,25%) classificaram como grave, 56,25% como moderado e 12,5% como leve, não havendo respostas classificatórias de estado gravíssimo. Essa foi uma das divergências mais notáveis, apresentando distribuição de respostas variadas, com a maioria dos alunos classificando o risco como moderado.

Vale ressaltar que a divulgação sobre zoonoses entre crianças é crucial para criar conscientização e promover cuidados com a saúde desde cedo. Ao educar as crianças sobre questões como a febre maculosa, estamos capacitando-as a adotar práticas preventivas, como o uso de repelentes, roupas adequadas e identificação de vetores patogênicos. Integrar esses temas no currículo escolar não apenas fortalece a saúde infantil, mas também contribui para comunidades mais informadas e resilientes diante de desafios de saúde pública.

4 CONCLUSÃO

Com base nos dados obtidos, foi possível verificar que os alunos foram impactados

positivamente, pois mais de 90% dos alunos acharam importante repassar as informações aprendidas em sala de aula para familiares e amigos, assim, e os alunos, agora munidos de conhecimento, estão mais propensos a adotar práticas de proteção, como evitar áreas de risco e realizar verificações após atividades ao ar livre e, também, promover a dissipação de informações e capacidade para se tornarem agentes replicadores dessas informações sobre essa doença negligenciada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. M. DA S et al. Casos confirmados de Febre Maculosa. Brasil, Grandes Regiões e Unidades Federadas (Infecção) - 2007 a 2023. Brasília - DF, 2023.

FERREIRA, L. F et al. Perfil epidemiológico da febre maculosa no brasil. Revista Médica de Minas Gerais, v. 31, 2021.

FIOL, F. DE S. D. et al. A febre maculosa no Brasil. Revista Panamericana de Salud Pública, v. 27, n. 6, p. 461-466, jun. 2010.

GAVA M. Z, BRAGA F. B, LANGONI, H et al. Aspectos etioepidemiológicos da febre maculosa brasileira: Revisão sistemática. Vet. e Zootec. 2022; v29: 001-020.

MORAES-FILHO, J et al. Febre maculosa brasileira/Brazilian spotted fever. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootécnia do CRMV-SP. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 15, n. 1, p. 38-45, 2017.

ARAÚJO, R. PAES DE et al. Febre maculosa no Brasil: estudo da mortalidade para a vigilância epidemiológica. Cadernos Saúde Coletiva, v. 23, n. 4, p. 354-361, 2015.

ROCHA, C.M et al. Febre maculosa no Brasil – Revisão de Literatura. 2018. 49p. Monografia (Conclusão do Curso de Medicina Veterinária) – Centro Universitário de Barra Mansa, Barra Mansa, RJ, 2018.

SILVA, V. J, RODRIGUES, J. S et al. Percepção dos moradores de serranos – mg sobre a febre maculosa e a raiva. Revista Saber Digital, v. 13, n. 1, p. 166 - 175, 2020.